

A construção discursiva do *Jornal Nacional* nas manifestações sociais de 1984, 2013 e 2017:

A narrativa da criminalização na esfera telejornalística

Discursive Construction of Jornal Nacional in the Social Demonstrations of 1984, 2013 and 2017:

The narrative of criminalization in the telejournalism

Carla Montuori Fernandes e Fernando Albino Leme

Introdução

A criminalização dos movimentos sociais pela mídia é histórica, tanto dentro quanto fora do Brasil, sendo a televisão uma das principais mediadoras dessa abordagem, como mostra Champagne (1996) em relação às manifestações sociais e à cobertura midiática na França. Com um discurso controlado, selecionado, organizado e redistribuído (FOUCAULT, 1996), os conglomerados midiáticos atuam discursivamente de maneira a visibilizar algumas facetas e silenciar outras em relação a movimentos e manifestações sociais.

No Brasil, a TV aberta, e principalmente o telejornal, passou a ser um dos principais mediadores da realidade ao promover desconexões e reposições em relação à realidade nacional (BECKER, 2006). A televisão e os telejornais se consolidaram no Brasil como território simbólico fundamental. Juntos, assumem um papel de conservação das relações de poder e, conseqüentemente, um controle social no agendamento cultural e político da sociedade.

Mesmo diante das novas tecnologias como a internet, de acordo com o relatório de Pesquisa Brasileira de Mídia (2016), 89% dos entrevistados apontam a mídia televisiva como a principal fonte de informação. Os telejornais ainda são produtos de impacto na realidade política brasileira e ocupam lugares estratégicos nas programações televisivas funcionando de maneira recorrentemente como expressão coletiva de construção social da realidade, configurando-se como um espaço fundamental de elaboração de sentidos.

Quando falamos de telejornal, o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, é o mais antigo e mais assistido telejornal que está no ar. Ele nasceu na fase mais repressora da ditadura militar, em 1º

de setembro de 1969. Meses antes de sua inauguração, mais precisamente em 13 de dezembro de 1968, entrava em vigor o Ato Institucional nº 5 (AI-5) decretado pelo Presidente Artur da Costa e Silva. Neste período, o *Jornal Nacional* mantinha uma linha editorial submetida às restrições da censura, mas também estava sedimentada em uma agenda que guardava valência positiva ao regime. Desde então, com 49 anos de existência, o telejornal foi palco de episódios que apontam uma atuação hegemônica no campo da comunicação, exercendo forte pressão sob o campo político.

De acordo com Fernandes (2013), a mídia deu visibilidade aos acontecimentos políticos e alterou a noção de publicidade ao assumir o papel de mediadora das relações entre as esferas governamentais e civis, construindo enquadramentos de mundo em relação à vida política. A televisão, como veículo de maior alcance, é a principal mídia presente no cotidiano das pessoas para repercutir lógicas e formações discursivas.

O discurso midiático opera a partir de regimes de visibilidade, destacando alguns enquadramentos em detrimentos de outros: um jogo de silenciamentos e visibilidades. Ou seja, a construção do discurso jornalístico traz recortes da realidade por meio de processos de seleção utilizados pelos profissionais que atuam em diferentes veículos de comunicação. A mídia deve ser compreendida como agente de um processo social de produção de sentidos. Seja na definição de uma pauta, na decisão de quem é o entrevistado e o que será veiculado durante a matéria, é por meio do discurso que a mídia reconfigura e representa a realidade social. Foucault já alertava para o fato de que o discurso “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (1996, p.10). Entende-se que o discurso midiático tem força constitutiva na medida em que permite que as ideologias se materializem, apostando muitas vezes em estratégias que visam marginalizar ou discriminar determinados agentes sociais.

Este artigo tem por objetivo analisar o discurso do *Jornal Nacional* durante algumas das maiores manifestações sociais do país com o intuito de responder de que maneira e em que medida o telejornal adota estratégias discursivas que apontam para um esvaziamento político e para uma criminalização dos movimentos durante períodos importantes da história política do país.

Como percurso metodológico foi selecionada a análise do discurso no sentido de identificar regimes de visibilidade no discurso do telejornal sobre as distintas manifestações sociais. Trata-se de uma análise cujo objetivo é compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos

históricos, por meio da materialidade das linguagens (FOUCAULT, 1996; MAINGUENEAU, 2001; ORLANDI, 2009). A coerência de cada discurso é efeito da construção discursiva.

Foucault (2004) afirma que este efeito de coerência e unidade de cada texto é construído por agenciamentos discursivos que controlam, delimitam, classificam, ordenam e distribuem os acontecimentos discursivos em dispersão e permitem que um texto possa “estar em relação com um domínio de objetos, prescrever uma posição definida a qualquer sujeito possível, estar situado entre outras performances verbais, estar dotado, enfim, de uma materialidade repetível” (FOUCAULT, 2012, p.121). O texto, segundo o autor, possui uma série de efeitos de sentidos, sobretudo pela escolha que o enunciador estabelece em torno das palavras.

Como *corpus* do artigo, selecionamos a cobertura jornalística veiculada sobre o maior comício das Diretas Já, realizada no dia 25 de janeiro de 1984, na cidade de São Paulo, movimento importante que restabeleceria as eleições diretas para presidente da República no Brasil; as manifestações contra o aumento das passagens no transporte público na cidade de São Paulo, realizadas em junho de 2013 e a greve geral convocada pela centrais sindicais contra as reformas da Previdência e Trabalhista, ocorrida no dia 28 abril de 2017.

Análise do discurso e o telejornalismo

Para analisar os discursos no telejornalismo é preciso entender que o discurso é carregado de significados, quase sempre ocultos, distorcidos e intencionados, subentendidos nos textos, que não estão imediatamente visíveis. Olhar para o discurso é decifrar relações históricas, silenciamentos, construções, manipulações, representações e tensionamentos de poder. “Como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’” (ORLANDI, 2009, p.40). O modo de organização argumentativa em torno da notícia é capaz de conduzir a filiação de sentidos para uma determinada posição: a seleção das imagens, a fala dos entrevistados, ou seja, a própria edição já aponta para a representação de sentido que se pretende conferir ao texto.

Nessa mesma linha, Foucault (2012) estabelece as relações entre os dizeres e os fazeres, isto é, as práticas discursivas materializam as ações dos sujeitos na história. O discurso perpassa pela ideia de que este meio sempre se produzirá em razão de relações de poder. Entende-se que o discurso não é realizado de maneira aleatória, mas obedece aos interesses das instâncias, sejam

elas órgãos, instituições, poder judiciário, e das relações de poder que a produz. Ao ser um acontecimento, o discurso se materializa nas práticas sociais dos sujeitos e nestes produz efeitos. Os discursos são construídos historicamente para atender interesses de um determinado sujeito ou grupo; assim, o discurso aparece como saber e poder, na medida em que existem.

É possível, então, notar que a análise do discurso, principalmente a de linha francesa, como mostra Orlandi (2009), está interessada em analisar as condições que permitem o aparecimento de certos enunciados e a proibição de outros. Silenciamento e exposição são duas estratégias que controlam os sentidos e as verdades. No caso dos textos jornalísticos, a enunciação está subordinada a mecanismos internos e externos de relevância e silenciamento que determinam as possibilidades de circulação dos discursos entendidos como práticas de significação. A perspectiva teórica da *framing analysis* (GOFFMAN, 2012) concede os parâmetros para compreensão da lógica da produção jornalística e as estratégias na construção e formatação das reportagens, operando mecanismos de seleção, silenciamento e relevância das fontes e canais de comunicação.

Dessa forma, o discurso deixa de ser apenas a utilização de palavras e frases e passa a ser fonte estratégica de formação de opinião e (re)definição de verdades. De acordo com Foucault (2012), as palavras não residem na mentalidade e muito menos na consciência dos indivíduos, mas estão no próprio discurso e se impõem a todos que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo (FOUCAULT, 2012). Nas obras que tratam sobre discurso, Foucault refere-se ao enunciado como um domínio de estruturas e de unidades possíveis que apareçam como conteúdos concretos, no tempo, no espaço e que o discurso está ligado ao sujeito, que adquire diversas formas de enunciado. De acordo com Foucault, o sujeito é multiplicado.

Quem fala? Quem no conjunto de todos os sujeitos falantes tem boas razões para ter esta espécie de linguagem? Quem é seu titular? Quem recebe dela singularidade, seus encantos, e de quem, em troca recebe, se não sua garantia, pelo menos presunção de que é verdadeira? (...) É preciso descrever também os lugares institucionais de onde obtém seu discurso, e onde este encontra sua origem legítima e seu ponto de aplicação. (...) As posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos: ele é sujeito que questiona, segundo certa grade de interrogações explícitas ou não, e que ouve, segundo certo programa de informação; é sujeito que observa. (FOUCAULT, 2012, p.61-63)

Assim, no telejornalismo também podemos indagar qual o status do sujeito? Ele tem direito a fala? Que tipo de fala? Por quanto tempo fala? Qual a sua competência? Em que campo de saber se insere? Qual seu lugar institucional? Como se relaciona hierarquicamente com outros poderes

além do seu e se realmente se relaciona? Também vale questionar sobre o lugar de onde fala e a fonte do discurso daquele personagem. Diante desses questionamentos voltamos para o tema deste artigo e podemos repensar sobre de que forma os manifestantes e os movimentos sociais são inseridos nas reportagens exibidas pelo *JN*. O telejornalismo, espaço de fala para circulação dos discursos considerados verossímeis, também se impõe como criador de um discurso próprio, no qual as falas e as ações são regidas por determinadas regras de formação. É um jogo estratégico de forma em que a produção do discurso é controlada, selecionada e veiculada de forma a determinar aquilo que pode ser dito e mostrado. Foucault afirma que as práticas discursivas se constituem não só por sua forma e seu rigor, mas também pelos objetos de que se ocupa, os tipos de enunciação que põe em jogo, os conceitos que manipula e as estratégias que utiliza (FOUCAULT, 2012).

A partir dessas questões enunciadas podemos analisar os regimes de visibilidades inscritos no discurso do *JN* na cobertura de manifestações ao longo dos tempos. É o discurso da Rede Globo que é vocalizado pelos seus jornalistas, que não têm autonomia total para dirigir o discurso ao público. Isto é, o discurso do *JN* se relaciona ao lugar institucional discursivo da Globo. A análise será composta de um contexto de cada uma das manifestações e uma análise discursiva a partir dos preceitos foucaultianos em “A Arqueologia do Saber”.

A cobertura das Diretas Já: Manifestação revestida de comemoração

A mídia é uma das instituições mais eficazes na propagação de ideias no que tange a grupos estrategicamente reprodutores de opinião, constituídos pelos estratos médios e superiores da hierarquia social brasileira, caracterizando-se como fundamentais aparelhos privados de hegemonia (FONSECA, 2006). Como forma de garantir o consenso, o Estado lança mão dos recursos ideológicos e apresenta os cidadãos no âmbito de lutas e movimentos sociais como baderneiros e perturbadores da ordem. Para Thompson (1984), a expressão movimentos sociais é considerada como mobilização e organização das pessoas ao redor de uma ação coletiva – fatores fundamentais da cultura e do modo de vida das pessoas, do patrimônio cultural e da organização social. Assim, esse termo pode ser considerado como fenômeno essencial ao processo de mudança das instituições da sociedade, tendo como origem o conflito social.

E foi o que aconteceu no dia 25 de janeiro de 1984, quando aproximadamente 300 mil pessoas estiveram na Praça da Sé, no centro de São Paulo, para reivindicar eleições diretas para Presidente da República. O evento mobilizou políticos, artistas, estudantes e sindicalistas. Diversos meios de comunicação estavam presentes cobrindo o comício histórico. Entretanto, o *JN* noticiou esse acontecimento dando ênfase à comemoração dos 430 anos de São Paulo. Segundo Bucci (2000):

No dia 25 de janeiro de 1984, o *Jornal Nacional* tapeou o telespectador. Mostrou cenas de uma manifestação pública na praça da Sé, em São Paulo, e disse que aquilo acontecia em virtude da comemoração do aniversário da cidade. A manifestação era real: lá estavam dezenas de milhares de cidadãos em frente a um palanque onde lideranças políticas discursavam. Mas o motivo que o *Jornal Nacional* atribuiu a ela não passava de invenção. Aquele comício nada tinha a ver com fundação de cidade alguma. A multidão estava lá para exigir eleições diretas para a Presidência da República. O *Jornal Nacional* enganou o cidadão naquela noite - e prosseguiu enganando durante semanas a fio, ao omitir as informações sobre a campanha por eleições diretas. Para quem só se inteirasse dos acontecimentos pelos noticiários da Globo, a campanha das diretas não existia. (BUCCI, 2000, p. 29)

Os jornalistas que trabalhavam no *Jornal Nacional* tiveram orientação para omitir e distorcer as manifestações das “Diretas Já”. De acordo com Conti (1999):

Em 25 de janeiro de 1984, o patrão estava irredutível. Para aquele dia, aniversário de fundação da cidade de São Paulo, fora marcado um ato público na Praça da Sé. Centenas de milhares de pessoas compareceram. No palanque se encontravam desde o presidente do PT, o Partido dos Trabalhadores, Luís Inácio Lula da Silva, até Tancredo Neves, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, o PMDB, passando por cantoras, compositores, atores e atrizes de novelas da Globo. O próprio apresentador da manifestação, o locutor de futebol Osmar Santos, era um astro da Rádio Globo. Com a Bandeirantes e a Manchete dando flashes ao vivo e dedicando a maior parte de seus noticiários à manifestação na Sé, Boni imaginou uma maneira de mencioná-la, ao mesmo tempo que cumpria a ordem de não noticiá-la. Numa reunião na sala de Armando Nogueira, determinou que uma repórter falasse da Praça da Sé, em menos de vinte segundos, que ali estava sendo comemorado com um show o aniversário de São Paulo. Não deu certo: além de omitir, a Globo foi acusada de distorcer a verdade. (CONTI, 1999, p. 38)

Como forma de demarcar as marcas narrativas da reportagem exibida pelo *JN* no dia 25 de janeiro de 1984, foi realizada uma análise discursiva da matéria. Na cabeça¹ da reportagem exibida pelo *JN* no dia 25 de janeiro de 1984, o apresentador Marcos Hummel leu a notícia: “Um dia de festa em São Paulo. A cidade comemorou seus 430 anos com mais de 500 solenidades. A maior

¹ Termo técnico utilizado no telejornalismo para definir o texto lido pelo apresentador para chamar a reportagem que entrará no ar.

foi um comício na Praça da Sé”². As imagens mostravam a Catedral da Sé e shows artísticos realizados no centro da cidade. Apenas no final da matéria é que foi mencionado que pessoas pediam eleições diretas para presidente³.

Na reportagem é possível identificar o objetivo de induzir o telespectador a assistir à reportagem com o caráter festivo em comemoração ao aniversário da cidade e silenciar o verdadeiro motivo do comício, que era a luta pelas eleições diretas para Presidência da República, segundo aponta narração em *off* do repórter Ernesto Paglia: “Cidade de trabalho, São Paulo fez feriado hoje para comemorar o aniversário. Dom Paulo Evaristo Arns lembrou o importante papel da Catedral da Sé”⁴.

A reportagem tem dois minutos e vinte e sete segundos de duração. Desse tempo, apenas os últimos trinta segundos foram destinados a falar sobre os movimentos pelas Diretas, veiculado sob som do então governador do estado de São Paulo, Franco Montoro, pedindo eleições para Presidência da República. Na reportagem houve ausência de entrevistados que falassem do movimento.

A matéria se preocupou em dar ênfase ao aniversário da cidade e da Catedral da Sé. O único personagem entrevistado foi o então Arcebispo de São Paulo, Dom Paulo Evaristo Arns, que falou por 20 segundos sobre a importância da Catedral da Sé para a cidade de São Paulo. Essa sonora é uma prova do recorte utilizado pela emissora dentro da reportagem, cujo intuito era não evidenciar e dar voz ao ato que ocorria naquele dia. Dom Paulo Evaristo Arns teve um histórico de representatividade na luta contra a ditadura militar. Para diminuir a importância do comício, a reportagem enfatizou que aquela manifestação não foi apenas política, mas festiva. Isso porque na abertura teve um show de música com Moraes Moreira, além da participação de vários artistas globais. Durante a reportagem Ernesto Paglia apontou: “Não foi apenas uma manifestação política. Na abertura, música. Um frevo do cantor Moraes Moreira. No palanque, muitos artistas”⁵. Na tabela abaixo, a análise desmembrada da reportagem permite a visualização das marcas discursivas da narrativa.

²Reportagem sobre as Diretas Já no *Jornal Nacional*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3syHGJOXGi4>. Acesso em: 20 de nov. de 2017.

³Idem 3.

⁴Idem 4

⁵Idem 6

A Rede Globo, por meio do *JN*, cria um regime de visibilidade, no qual o telejornal coloca o feriado da cidade de São Paulo em primeiro plano, silenciando, dessa forma, a centralidade das manifestações.

Para ilustrar nossa percepção sobre o fato, utilizamos categorias de análises discursivas a partir dos preceitos foucaultianos em “A Arqueologia do Saber”, por se referir ao enunciado como um domínio de estruturas e de unidades possíveis que demonstram conteúdos concretos, no tempo, no espaço e com discurso ligado ao sujeito, que adquire diversas formas de enunciado e é multiplicado.

Tabela 1. Análise discursiva da reportagem “Um dia de festa em São Paulo”

Sujeitos da fala	
Quem tem direito a fala	O repórter Ernesto Paglia Passagem do repórter Dom Paulo Evaristo Arns Governador de São Paulo
Quais são os sujeitos silenciados	Manifestantes; Artistas; Sindicalistas; Autoridades

Lugares da fala	
Formas de interdições	Ausência de imagens fechada das pessoas que representasse estar no local pela manifestação Ausência de imagens fechadas de faixas e cartazes pedindo as Diretas Já
Rituais do lugar da fala	Sonora com arcebispo dentro da igreja para falar do aniversário da Catedral da Sé

Interdições	
Interdição pela circunstância	Objetivo de silenciar o motivo da manifestação

	Não incentivar a mudança de governo Esvaziar politicamente o evento
Direito privilegiado	Poder de manipular a reportagem e exibir apenas o que foi determinado pela linha editorial

Domínio do objeto	
Onde surge o discurso	O discurso é feito para esconder a real motivação da manifestação. Para isso enaltece a data do aniversário da cidade
Áreas de qualificação	Qualifica a cidade e a população pelo aniversário e isola e desqualifica o movimento

Conceitos-formas de sucessão da argumentação	
Narrativas e ou composição de estruturas	A narrativa e estrutura da reportagem estão direcionadas ao aniversário da cidade. A matéria tem 2'17, desse tempo, apenas 30" são destinados a informar sobre a manifestação

Configuração do campo	
Presença/ausência	<p>Presença do repórter que na reportagem deu enfoque ao aniversário da cidade</p> <p>Arcebispo de São Paulo, que historicamente lutou contra a ditadura e defendeu os mais necessitados, mas que na reportagem foi inserido para falar sobre a importância da Catedral da Sé, que também comemorava seu aniversário</p> <p>Ausência de entrevistas com manifestantes e organizadores do comício</p>

	Sonora do governador de São Paulo, Franco Montouro, que teve um pequeno espaço, no final da reportagem, para falar sobre o comício.
--	---

Fonte: autoria própria

A TV Globo omitiu o movimento tendo como justificativa o comprometimento com o regime militar e a censura imposta pelo regime. Na transmissão da reportagem, Fernandes (2013) lembra que o *JN* minimizou totalmente o ato político e ressaltou a presença de artistas populares. Os sujeitos da fala e os lugares das falas foram silenciados por imagens que não definiam o real propósito daquela manifestação. A reportagem apenas concede espaço para agentes do Estado e o próprio jornalista, silenciando o motivo e os representantes do evento.

Entretanto, a emissora percebeu que seria difícil conter a nova força política do país. O crescimento da campanha e a evolução do quadro político, que se acelerava em torno de mudanças imediatas, exigiam dos setores mais conservadores e do empresariado a rápida revisão de sua postura. Ficava nítido que não era mais possível manter-se aliada ao regime militar e a emissora remodelou seu discurso. Foi apenas em 10 de abril de 1984 que a Globo mudou radicalmente sua postura e transmitiu, durante todo o dia, manifestações em prol de eleições diretas que ocorriam na cidade do Rio de Janeiro.

O discurso utilizado pelo JN é trabalhado como uma narrativa que integra noções de poder, relações com autonomia de realizar os recortes e podendo recontar a história da sua maneira, mesmo que no meio do percurso essa história tenha que ser recontada novamente por outra perspectiva, como foi o caso das Diretas. O discurso aparece envolto de saber e poder e, nessa perspectiva, as reportagens se traduzem numa existência destinada a se apagarem determinados momentos da história, que é recontada a partir de olhares já pré-determinados, embrenhado de poderes. Esse discurso é parte de um jogo de lutas de contradições referentes à vida dos sujeitos no meio social historicamente produzido.

A mídia, ao reconstruir a realidade, pelo acontecimento, a fala daquele que esteve presente no fato, mostra que os dispositivos midiáticos não existem apenas enquanto aparelhos tecnológicos, eles se constituem como um local onde o enunciado toma forma, sendo por vezes reproduzido por um profissional de imprensa submetido à ideologia ou à linha editorial do veículo em que atua.

As manifestações de 2013 e a greve geral retratadas como vandalismo pelo *JN*

Notícias sobre protestos e manifestações sociais realizadas em outros países são temas comuns no cotidiano jornalístico no Brasil. Entretanto, a partir de 2013 as mobilizações sociais impulsionadas pelas redes sociais ganharam enorme visibilidade e adesão no Brasil. Motivadas inicialmente pelo aumento das tarifas de ônibus, o Movimento Passe Livre (MPL), importante grupo a organizar pessoas para as manifestações, utilizou especialmente o *Facebook* e defendia a ideia da gratuidade do transporte para todos.

Em São Paulo, o anúncio do governador do estado Geraldo Alckmin (PSDB) e do então prefeito da cidade, Fernando Haddad (PT), sobre o anúncio do aumento das tarifas de trens e metrô de R\$ 3 para R\$ 3,20 fez eclodir uma série de manifestações em São Paulo e ao redor do país. No dia 20 de junho, um grupo de mais de 100 mil pessoas tomou a Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Aos gritos de “O gigante acordou” e “Não é por 20 centavos, é por direitos”, as expressões também tomaram a internet.

Sobre as manifestações de junho de 2013, Warren elucidou:

Hoje, uma das diferenças está na convocatória pelas redes sociais virtuais, o que trouxe o povo para rua quase em tempo real, ampliando o número de manifestantes e os locais de protestos. Isso causou uma enorme visibilidade na mídia e o respectivo impacto político, produzindo uma resposta rápida da parte do sistema político. Mas também produziu uma diversidade de demandas, muitas vezes conflitivas e antagônicas entre si (2014, p.417).

A cobertura das manifestações no *JN* no dia 18 de junho de 2013, realizada em função do aumento do preço das passagens do transporte público em São Paulo, foi direcionada a atos de vandalismo e violência cometidos. As palavras mais ouvidas durante a matéria foram: confronto, bombas, polícia, trânsito parado e destaque para as ruas e avenidas fechadas. Podemos reforçar a ausência de sonoras de manifestantes e representantes do movimento que organizou a manifestação, já na escalada da reportagem, com a narração de William Bonner: “Manifestantes que protestavam contra o aumento no preço das passagens de ônibus entraram em confronto com a polícia”⁶.

⁶Reportagem exibida no Jornal Nacional sobre manifestação 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8v-JjAIYEsc>. Acesso em: 20 de nov. de 2017.

As imagens externas de atos de vandalismo, realizadas do helicóptero, durante a reportagem, eram adicionadas à narração do repórter César Galvão que apontava:

Manifestantes são seguidos de perto pela polícia. Primeiro, eles colocaram fogo na Avenida Nove de Julho. O trânsito parou, a polícia chegou e jogou bombas de gás lacrimogênio. Os manifestantes atearam fogo em lixo e pedaços de madeira. Chegou um pelotão do batalhão de choque. Lançaram bombas contra os manifestantes. Policiais dão tiros de borracha, de balas de borracha em direção aos manifestantes na calçada. A manifestação e o confronto continuam.

No dia seguinte, em 19 de junho de 2013, o *JN* voltou a dar destaque para a manifestação na cidade de São Paulo. No discurso utilizado pela emissora mais uma vez destacavam-se: atos de vandalismo, força coercitiva da polícia, depredação, bombas, tiros e até mesmo uma narrativa de história de guerra e batalha foi utilizada pelo repórter Patrícia Poeta na cabeça da matéria; “E ontem a capital de São Paulo viveu mais um dia de protesto contra o aumento do preço das passagens de ônibus. A manifestação que começou pacífica, no fim, atos de vandalismo de quem protestava”⁷.

Na externa, o repórter Fábio Turci alertava sobre a atuação dos policiais para conter os manifestantes: “A polícia queria saber o que eles levavam nas mochilas. Pelo menos trinta foram detidos”⁸. Imagens que reforçavam o discurso de vandalismo e violência no protesto eram acompanhadas da narração em *off* de Turci: “Policiais começaram a disparar sem que tivessem sido agredidos pelos manifestantes. Como resposta, os manifestantes começaram a lançar pedras e fogos de artifício. Dessa vez o tumulto acontece no meio de muita gente, no meio da população”⁹.

A reportagem traz como foco o vandalismo e o confronto entre manifestantes e a Polícia Militar. O motivo da manifestação fica em segundo plano. É possível verificar o silenciamento de falas dos organizadores da paralisação e até mesmo de pessoas que participaram do ato. As imagens predominantes na reportagem são de ônibus queimando, ruas interditadas e o confronto com a polícia. A narração em *off* do Repórter Fábio Turci se completa como imagens de depredação e prisões de manifestantes:

Este ônibus foi pichado. No meio do confronto, um homem com o rosto coberto tentou depredar o ônibus. E a batalha da Consolação continuou. Manifestantes ateavam fogo em lixo para tentar deter o avanço da tropa. A polícia também circulou e continuou atirando. O protesto então resultou novamente em vandalismo. Prédios tiveram os vidros quebrados. Ao todo mais de duzentos participantes do protesto foram detidos. A polícia mostrou máscaras e armas que estariam com

⁷Reportagem exibida no Jornal Nacional sobre manifestação de 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NSSfOd5qbp8>. Acesso em: 27 de nov. de 2017.

⁸Idem 8

⁹Idem 9.

alguns deles. Quatro presos em flagrantes por formação de quadrilha, incitação ao crime e dano qualificado. A violência acabou mais de quatro horas depois do primeiro confronto.

Na análise discursiva (tabela 2) é possível constatar a criminalização da manifestação social, com destaque para imagens que retratavam apenas cenas de caos e desordem.

Tabela 2. Análise discursiva das reportagens-18 e 19 de junho de 2013

Sujeitos da fala	
Quem tem direito a fala	Apresentadores William Bonner e Patrícia Poeta Polícia Militar O repórter Populares contra a manifestação
Quais são os sujeitos silenciados	Responsáveis pela manifestação Manifestantes

Lugares da fala	
Formas de interdições	Ausência de imagens da manifestação acontecendo de forma pacífica. Agressão de policiais aos manifestantes. Imagens que representam caos, violência e vandalismo, entre elas, ônibus queimado, ruas incendiadas, manifestantes jogando pedras na polícia, vidros de agências bancárias sendo quebrados
Rituais do lugar da fala	Sonora com a Polícia. Sonora com populares contra a manifestação.

Interdições

Interdição pela circunstância	Objetivo de evitar tensionamento na discussão política do país Evitar prejuízo ao sistema capitalista Acabar com manifestações
Direito privilegiado	Poder de manipular a reportagem. Escolher e exibir apenas o que foi determinado pela linha editorial

Domínio do objeto	
Onde surge o discurso	O discurso surge através da ausência de representantes das manifestações e manifestantes. Polícia Militar como garantidor da ordem pública
Áreas de qualificação	Qualifica o movimento com baderneiros

Conceitos-formas de sucessão da argumentação	
Narrativas e ou composição de estruturas	A narrativa e estrutura da reportagem estão direcionadas a criticar o movimento. Palavras utilizadas pelos jornalistas comprovam isso: destruição, confronto, força pública, pichação, ônibus queimado, ruas fechadas que impedem a população de ir e vir. As narrativas reforçam os elementos de violência, perigo, iminência de combate, confronto e hostilidade, batalha, guerra

Configuração do campo	
Presença/ausência	Presença de policiais Ausência de entrevistas com manifestantes

Fonte: autoria própria

A cobertura jornalística realizada pelo JN sobre as manifestações de 2013 mostra por meio das imagens e textos que a linha editorial adotada pelo telejornal buscou criminalizar os manifestantes. As reportagens destacavam os elementos de violência, confronto e hostilidade, ao mostrar ônibus queimados, ruas fechadas com fogo atado aos pneus e pedras atacadas contra policiais. As sonoras eram de indignação dos populares e de autoridades criticando o movimento. Não há nas reportagens a presença dos manifestantes explicando o motivo do movimento ou a agressividade de policiais.

Dessa forma, os discursos são capazes de enviesar as relações históricas, por meio de práticas concretas que estão “visíveis” e que se encontram nas “entrelinhas” dos textos, nas imagens, nas ações dos sujeitos, e que ajudam a induzir o telespectador a construir uma única narrativa. E assim podemos considerar que a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por processos que objetivam dominar os acontecimentos. Os discursos passam por uma produção que é controlada por aqueles que decidem a linha editorial do produto a ser exibido aos telespectadores que podem ainda ser percebidos como práticas discursivas definidas pelo status do sujeito que fala, desde os lugares a partir dos quais este fala, considerando as posições sociais que assume quando fala, destacados e mostrados na análise das reportagens sobre as manifestações de 2013 pelo *JN*.

Greve contra as Reformas da Previdência e Trabalhista:

A paralisação que atrapalhou o país, segundo *JN*

A última análise está concentrada na greve geral que ocorreu no dia 28 de abril de 2017, conduzida pelas Centrais Sindicais de todo país, como resposta às reformas trabalhistas e previdenciária conduzida pelo governo do Presidente Michel Temer (MDB). Para análise da paralisação decidimos utilizar como recorte a cobertura feita na cidade de São Paulo. Mais uma vez o *JN* destacou vandalismo e violência no ato. No início da reportagem o apresentador William Bonner aponta:

Centrais Sindicais fizeram hoje manifestações nas 26 capitais e no Distrito Federal contra as reformas da Previdência e Trabalhistas propostas pelo governo. A convocação de uma greve geral

pelos sindicatos afetou principalmente o transporte público. Em São Paulo, das 6 linhas de metrô apenas uma funcionou. As seis linhas de trem metropolitano ficaram paradas¹⁰.

A reportagem segue com imagens demonstrando cenas de violência e prejuízo à população, seguida de narração em *off* do repórter José Roberto Burnier: “As centrais sindicais provocaram um dia de paralisação contra as reformas Trabalhistas e da Previdência”. Dessa forma, entendemos que a partir do discurso do *JN*, podemos depreender que foram as centrais sindicais que provocaram a paralisação, como se fosse algo apartado da sociedade, e como se fossem os porta-vozes do caos. Na sequência da reportagem: “quem quis chegar ao trabalho, não conseguiu. Os terminais ficaram sem ônibus. Os trens do metrô e da CPTM também amanheceram parados. E a fila de passageiros só aumentava”¹¹. O enquadramento dado na reportagem se relaciona não às questões públicas das reformas do governo, mas como a manifestação estaria atrapalhando o transporte dos “trabalhadores” que tentaram chegar ao trabalho, mas não conseguiram.

A narração em *off* de Burnier era completada por cenas de inúmeras depredações, como ônibus incendiados, agências bancárias e lojas de comércio pichadas e depredadas, além de imagens do confronto entre alguns manifestantes e a polícia. A narrativa do repórter elucidava: “Houve depredação e vandalismo. Em alguns atos manifestantes e policiais entraram em confronto. A polícia usou bombas no centro da cidade. Jovens mascarados fizeram pichações no centro. Outro grupo depredou uma agência bancária na Faria Lima”¹².

A reportagem concedeu voz ao Presidente do Sindicato de Empresas de Asseio de Conservação e Limpeza, que declarou: “Estamos aqui mobilizados para que não sejam tirados nossos direitos dos trabalhadores”¹³. Foram ouvidos, em 38 segundos de uma matéria de vinte minutos, os representantes dos principais sindicatos de São Paulo, afirmando que a paralisação tinha sido um sucesso, mas, em contrapartida, a grande parte das imagens de cobertura utilizada na matéria foi de destruição.

A reportagem se preocupou em mostrar a dificuldade da população paulistana para chegar ao trabalho e a adesão do transporte público ao movimento. Entre os entrevistados, uma pessoa, representando a população, criticando o ato realizado pelos manifestantes, disse: “prejudicou

¹⁰Reportagem exibida no Jornal Nacional sobre greve geral de abril de 2017. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/04/28.html>. Acesso em: 10 de dez. 2017.

¹¹Idem 11.

¹²Idem 12.

¹³Idem 13.

bastante. Se o pessoal estivesse pensando nos nossos direitos teriam permitido o mínimo de transporte”¹⁴. Isto é, os direitos são pensados a partir de quem usa transporte, como se os manifestantes não estivessem a favor dos trabalhadores e nem preocupados com “direitos”, ou seja, somente a faceta de vândalo é visibilizada pelo *Jornal Nacional*.

A reportagem finalizou com o então Ministro da Justiça, Osmar Serraglio, afirmando que o movimento foi pífió, além de um texto enviado pelo Presidente da República, Michel Temer, lido pelos apresentadores do telejornal Willian Bonner e Renata Vasconcelos, criticando os atos de vandalismo e violência cometidos pelos manifestantes, conforme segue:

Willian Bonner: Agora à noite, perto da casa do Presidente Michel Temer um grupo de manifestantes começaram a atirar objetos contra os policiais. A tropa de choque reagiu com bombas de efeito moral e de gás.

Willian Bonner: O Ministro da Justiça, Osmar Serraglio, ressaltou que o direito a manifestação é democrático, mas disse que o governo não pode aceitar pessoas que não queiram participar sejam perturbadas com rodovias interditadas e dificuldades criadas.

Renata Vasconcelos: Em nota divulgada pelo Palácio do Planalto, o Presidente Temer lamentou que pequenos grupos tenham impedido o direito de ir e vir do cidadão. Ele disse que o trabalho de modernização da legislação nacional vai continuar.

A nota oficial ressalta que as reformas do governo são uma “modernização” – com objetivo de visibilizar somente possíveis aspectos positivos.

A tabela 3 que traz a análise discursiva da reportagem que retrata que os reais motivos da greve geral foram silenciados. A reportagem em análise direcionou o olhar para o vandalismo e confronto com a polícia militar. O telejornal concedeu espaço restrito para entrevistas com manifestantes e organizadores das paralisações, limitou o tempo de fala dos agentes e contrapôs o discurso a crítica das autoridades que estavam envolvidas com a ação.

Tabela 3. Análise discursiva das reportagens – greve geral em abril de 2017

Sujeitos da fala	
Quem tem direito a fala	Apresentadores William Bonner e Renata Vasconcelos Polícia Militar O repórter

¹⁴ Idem 14.

	Populares contra a manifestação Ministro da Justiça Sindicalistas
Quais são os sujeitos silenciados	Manifestantes

Lugares da fala	
Formas de interdições	Ausência de imagens da manifestação acontecendo de forma pacífica Agressão de policiais à manifestantes Imagens que representam caos, violência e vandalismo, entre elas, ônibus queimado, ruas incendiadas, vandalismo à órgãos públicos
Rituais do lugar da fala	Sonora com a Polícia Sonora com populares contra a manifestação Sonora com sindicalistas

Interdições	
Interdição pela circunstância	Objetivo evitar discutir o real propósito da manifestação, que neste caso o motivo era criticar as propostas de reforma da Previdência e Trabalhista
Direito privilegiado	A emissora tem o direito privilegiado de poder manipular a reportagem

Domínio do objeto	
Onde surge o discurso	O discurso surge através da narrativa que descreve a dificuldade das pessoas a chegar ao trabalho. Focaram mostrar o transporte público

	parado, filas de pessoas em ponto de ônibus, ruas e estradas interditadas
Áreas de qualificação	Qualifica o movimento com baderneiros

Conceitos-formas de sucessão da argumentação	
Narrativas e ou composição de estruturas	A narrativa e estrutura da reportagem estão direcionadas a criticar o movimento. Palavras utilizadas pelos jornalistas comprovam isso: destruição, confronto, bombas, pichação, ônibus queimado, ruas fechadas. As narrativas reforçam os elementos de violência, perigo, iminência de combate, confronto e hostilidade, batalha, guerra. Além de trazer autoridades para criticar o movimento

Configuração do campo	
Presença/ausência	Presença de policiais Autoridades do governo Ausência de entrevistas com manifestantes

Fonte: autoria própria

Durante a cobertura sobre a greve foi possível constatar que apesar da presença da narrativa acerca dos motivos da greve geral, a reportagem concentrou-se em ressaltar os prejuízos do movimento grevista na vida dos cidadãos que tentavam ir para o trabalho ou se locomover pela cidade. A reportagem valorizou os problemas gerados pelas manifestações, concedendo pouco espaço para o foco central da manifestação, a saber: as mudanças nas leis trabalhistas e previdenciária. Confusão, caos, vandalismo e medo descreveram o evento. Tais escolhas acabam por funcionar como marcas discursivas que reforçam a representação negativa dos manifestantes.

O discurso utilizado pelo *JN* reforça a visão marginalizada acerca dos movimentos sociais, apresentando seus personagens como os culpados pelas cenas de vandalismo, violência e

confronto com a polícia durante as manifestações. Durante a reportagem, as ações da Polícia Militar eram respaldadas sob os argumentos de que eles reagiram para conter os atos dos manifestantes. Nesse sentido, nota-se que o discurso da reportagem exibida pelo *Jornal Nacional* se constrói sobre atos de vandalismo cometidos por manifestantes, o impedimento da população ir trabalhar e instituição governamental descaracterizando o motivo da manifestação. A reportagem sobre a greve tem intervenções de repórteres no local da manifestação, mas não há entrevistas com manifestantes que apoiavam o movimento. Apenas sindicalistas falaram sobre a motivação da paralisação.

Não obstante, a reportagem aciona uma entrevistada para falar sobre a dificuldade de pegar um transporte público. Além disso, cenas de vandalismo, barulho de bomba, violência e confrontos foram amplamente exploradas. Essas observações revelam o foco da reportagem nos aspectos negativos dos protestos. Em geral, o discurso revela a intenção dos jornalistas de construir uma imagem ruim dos manifestantes apresentando-os como desorganizados.

Considerações Finais

A análise das reportagens constatou que a Rede Globo, por meio do *Jornal Nacional*, mantém o mesmo papel de ator político social em diferentes contextos históricos, além de assumir um discurso de silenciamento e criminalização de movimentos e manifestações sociais. Desde a primeira grande manifestação, ocorrida em 1984, no movimento das Diretas Já, a cobertura das manifestações de 2013 e a greve geral, de 2017, o *JN* omite, criminaliza, marginaliza e provoca o esvaziamento político das discussões nacionais propostas pelos movimentos sociais e cria um regime de visibilidade distorcida para silenciar a centralidade das manifestações.

Ao telejornalismo caberia o papel de informar e disseminar as ações sociais, o que não ocorreu nos eventos investigados. A análise de discurso permitiu constatar que o *JN* atuou pela lógica de falseamento da realidade ao retratar a cobertura das manifestações sociais em períodos distintos da história do país. Fenômeno recente da sociedade contemporânea e objeto de crítica da grande empresa, as notícias falsas não podem ser lidas apenas a partir da lógica da construção objetiva da realidade e do discurso da verdade, do qual o campo jornalístico procura se apoiar como instância de legitimação, mas sim como parte de uma estratégia de luta da mídia para reivindicar posição autorizada e privilegiada na transmissão das informações.

A narrativa de que o jornalismo é o campo que conserva a verdade vem de longa tradição na percepção social e no modo como o próprio campo se constitui. Ainda que a constituição da objetividade seja objeto de inúmeras críticas, ela ancora o discurso da imprensa tradicional. Bourdieu (1998) nomeia a dita imparcialidade jornalística como uma forma de dominação simbólica. Para o autor, essa dominação acontece “sobre um espaço de jogo que ele [o jornalista] construiu, e no qual ele se acha colocado em situação de árbitro, impondo normas de ‘objetividade’ e de ‘neutralidade’”. A análise da cobertura das manifestações sociais realizada pelo *Jornal Nacional* permite inferir que o discurso da objetividade funcionou como estratégia para moldar e mediar a realidade, camuflando interesses e procurando naturalizar determinadas ações e processos sociais.

Isso dito, as manifestações sociais são estratégias de luta que demonstram a insatisfação da sociedade e desafiam os governos e a própria mídia, provocando a obrigatoriedade de diálogo entre o campo político, a mídia e a sociedade. A disputa entre os campos está situada entre as ações dos movimentos que propõem alterações no contexto social e a mídia hegemônica que detém o poder por meio de seu discurso e de uma narrativa que por vezes está alinhada aos interesses das elites econômicas e políticas. Assim, os meios de comunicação, em especial a televisão, que deveria funcionar como instrumento de democratização, têm se tornado, segundo Bourdieu (1997, p.29), “um instrumento de criação de realidade”. A televisão se torna o árbitro do acesso à existência social e política visibilizando alguns aspectos em detrimento de outros.

Fica então a cargo dos telespectadores primar pela qualidade e buscar meios alternativos de informação para não se “fecharem” a um único ponto de vista dado e limitado; e, aos produtores atentar para sua responsabilidade como formadores de opinião e “construtores” da mídia de massa e suas representações.

Carla Montuori Fernandes

Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura das Mídias da UNIP

Doutora em Ciências Sociais, PUC-SP

Fernando Albino Leme

Doutorando em Comunicação, UNIP

Recebido em: 02 de janeiro de 2019

Aprovado em: 29 de abril de 2019

Referências

BECKER, Beatriz. A linguagem do telejornal: um estudo da cobertura dos 500 anos do descobrimento do Brasil. In PORCELLO, Flávio & VIZEU, Alfredo (Orgs.), **Telejornalismo: a nova praça pública** (pp. 281-312). Florianópolis: Insular, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BUCCI, Eugênio. **Sobre Ética e Imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CONTI, Mario Sergio. **Notícias do Planalto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHAMPAGNE, Patrick. **Formar a opinião: o novo jogo político**. Petrópolis: Vozes, 1996.

FERNANDES, Carla Montuori. Rede Globo de Televisão: hegemonia e poder na trajetória do telejornalismo brasileiro. **Punto Cero**, 18(27), 31-38, 2013.

FONSECA, Francisco. **Desenvolvimentismo e Ultraliberalismo na Agenda Brasileira**. In: V Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política, 2006, Belo Horizonte. **Desenvolvimentismo e Ultraliberalismo na Agenda Brasileira**, 2006. v. 5.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis**. Boston: Northeastern University Press, 2012.

JORNAL Nacional. (1984, janeiro 25). **Diretas Já**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3syHGJOXGi4>. Acesso em: 10 de jan. 2018

JORNAL Nacional. (2013, junho 18). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8v-JjAIYEsc>. Acesso em: 10 de jan. 2018.

JORNAL Nacional. (2013, junho 19). **Protesto em São Paulo contra o aumento das de ônibus**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NSSfOd5qbp8>.

Centrais sindicais fazem manifestações nas 26 capitais e no DF. Disponível em <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/04/28.html>.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de Textos de comunicação**. São Paulo: Cortez, 2002.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2009.

SECRETARIA Especial Comunicação. (2016). Secretaria Geral da Presidência da República. Relatório Final Pesquisa Brasileira de Mídia. Disponível em <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016.pdf/view>. Acesso em: 10 de dez. 2017.

THOMPSON, Edward P. **Tradição, Revolta e Consciência de Classe**. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1990.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Soc. estado**. [online]. 21(1), 109-130, 2016.

Resumo

O presente artigo discute a construção discursiva utilizada pelo *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, em algumas grandes manifestações políticas. Pretendemos avaliar como a Rede Globo, por meio do *Jornal Nacional*, atua como ator político em diferentes contextos históricos, a partir do discurso do telejornal, considerando regimes de visibilidade, silenciamentos e criminalização de movimentos e manifestações sociais. Utilizamos como *corpus* deste artigo o comício pelas Diretas Já em 1984, as manifestações realizadas em junho de 2013 na cidade de São Paulo e a greve geral ocorrida em abril de 2017.

Palavras-chave: Telejornalismo; *Jornal Nacional*; Análise de Discurso; Manifestações Sociais.

Abstract

This article discusses the discursive construction used by *Jornal Nacional* of the Rede Globo de Televisão [Globo Television Network] in some large-scale political demonstrations. We aim to assess how Rede Globo performs as a political actor in different historical contexts through *Jornal Nacional*, in terms of the visibility, silencing and criminalisation of social movements and demonstrations, based on the discourse of television news. As *corpus* of this article, we use the Diretas Já rally in 1984, the demonstrations of June 2013 in the city of São Paulo, and the general strike of April 2017.

Keywords: Telejournalism; *Jornal Nacional*; Discourse Analysis; Social Manifestations.